

Arraial do Cuiabá, Vila Real do Senhor Bom Jesus (1719 – 1727)

CARLOS FRANCISCO MOURA
Arquiteto e pesquisador

*E eu atribuo e julgo que foy demonstração que fes Deos Nosso Senhor de que senão ouvera despovoar este sertão como todos uniformemente determinavao e que aqui ouvera perpetuar huma collonia a mais importante de todos os Brazílicos Estados como hoje o vamos vendo.
(Joseph Barbosa de Sá, Relação das Povoações do Cuyabá e Mato Grosso de Seos Principios thé os Presentes Tempos)*

A 8 de abril de 1719, portanto há 260 anos, no recém-fundado Arraial do Cuiabá, foi lavrado o *termo de certidão para noticia do descobrimento novo que achamos no ribeirão do Coxipó, invocação de Nossa Senhora da Penha de França*, e “elegu o povo em voz alta o capitão-mor Pascoal Moreira Cabral por seu guarda-mor regente”.

Cerca de 8 anos depois, a 1. de janeiro de 1727, era o arraial solenemente elevado à categoria de vila, com o nome de *Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá*.

Para saber o que foi a vida da capital de Mato Grosso nesses tempos pioneiros passamos a palavra aos cronistas e a algumas testemunhas aculares.

O ARRAIAL DO CUIABÁ A FUNDAÇÃO DE CUIABÁ SEGUNDO O CRONISTA JOSÉ BARBOSA DE SÁ

José Barbosa de Sá foi o primeiro cronista de Cuiabá. A ele se refere o ilustre historiador mato-grossense José de Mesquita nos mais elogiosos termos: foi ele “o cronista da nossa História primitiva, o narrador fiel e minucioso dos fatos iniciais da nossa vida político-administrativa, aquele a quem nós outros,

matogrossenses, bem como os gregos a Herodoto, poderíamos cognominar o pai da nossa História” (1).

Outro cronista do século XVIII, Nogueira Coelho, informa que Barbosa de Sá “foi advogado na villa de Cuyabá, em que residiu quasi desde a fundação d’ella”.

Ele próprio, na sua *Relação das Povoações do Cuyabá e Mato Grosso de Seos Principios até os Presentes Tempos*, diz que foi “dos segundos que cultivaraó estes sertoes e examinei tudo o que nelles havia”.

Barbosa de Sá não estava ainda em Cuiabá nos primeiros tempos, e pelo que escreveu, não se pode concluir que esteve presente ao ato de elevação do arraial a Vila.

Entretanto antes da quinta-feira santa de 1728 ele já se encontrava, pois referindo-se ao “milagre da Custódia”, diz “eu com meus olhos a vi e examinei acheya muito direita sem propensam alguma” (2).

Vejamos, portanto, como Barbosa de Sá descreve o descobrimento e os primeiros tempos de Cuiabá (3).

O primeiro bandeirante que subiu o rio Cuiabá foi Antônio Pires de Campos. Ia em busca dos índios coxiponés e chegou a uma aldeia deles “aonde hé hoje a capela de Saó Gonçalo”. Ali aprisionou muitos e “voltou para baixo em procura das mais frotas que andavaó por esas Largas e dillatadas bahias em procura das mais nasçoens”.

No ano seguinte Pascoal Moreira Cabral seguiu o mesmo rumo em procura dos coxiponés. Não os achando na *aldeia velha* destruída por Pires de Campos, subiu o rio Coxipó-mirim “fazendo pouso Logo asima da barra acharaó ouro em granetes cravados pelos barrancos”.

“Neste pouso e primeiro descobrimento”, isto é, na margem do Coxipó-mirim, logo acima da confluência com o Cuiabá, deixou Pascoal Moreira a bagagem “e seguiu rio asima thé o lugar chamado hoje a *forquilha*”. Ali encontrou o gentio “em quem fes suas presas com bastante mostras de ouro em baquetes e outros enfeites”.

A seguir, “buscando os companheiros com elles desceo a fazer pouso ao lugar chamado *aldeya velha* adonde se *acha hoje a Capella de Saó Gonçalo*”.

Ali, informa Barbosa de Sá, “formaraó seo Arrayal para tomar descanso cantando vitoria contra as fadigas da pobreza e suas Largas perigrinasoens dando huns aos outros os parabens de suas fortunas a quem reciprocamente ofereciaó Laudencias [sic] de alegria”.

“Trataráó Logo de fabricar cazas e lavouras de mantimentos pellas margens dos rios cuyabá e coxipó; extinguindo huma aldeya de gentio que se achava no Lugar chamado hoje porta [porto] do Borrvalho”.

Os bandeirantes, cujo único objetivo fora prear índios, viram-se, de um momento para o outro, ricos, uns com cem oitavas de ouro, outros com meia libra, outros com cinqüenta oitavas, “todos enfim participantes dos aurinos fructos”, “conforme a deligencia que cada hum fes em cavar com as maons que outros estromentos de minerar naó tinhaó”.

Passados alguns dias, continua Barbosa de Sá, chegou ao arraial a bandeira dos Antunes – Gabriel, João, Antônio e Filipe.



Coxipó-mirim (ilustração do Livro *Viagem ao Redor do Brasil*, do Dr. João Severiano da Fonseca, Segunda Parte, Rio de Janeiro, 1881, pág. 11).



Bandeirantes nas florestas de Mato Grosso (ilustração do livro *Viagem ao Redor do Brasil*, do Dr. João Severiano da Fonseca, Segunda Parte, Rio de Janeiro, 1881, pág. 42).

Reunidos todos os sertanistas decidiram enviar a S. Paulo um dos Antunes, a dar notícia do descobrimento, levar amostras de ouro e “trazer as ordens necessarias ao bem commum e serviso de Sua Magestade” (4).

Os que ficaram mandaram escrever um *aranzel* para seu regimento, que foi datado de 8 de abril de 1719, e que o cronista transcreve “copiado do mesmo original” (5)

Divulgada a notícia das riquezas de Cuiabá, das Minas Gerais, de São Paulo e do Rio de Janeiro “se aballaraó muitas gentes deixando cazas, fazendas, mulheres e filhos botando-se para estes Sertoens como se fora a terra de promissam ou o Parayso incoberto em que Deus pos nossos primeiros paes”.

Em 1720 acorreram esses aventureiros precipitadamente e a maioria morreu na viagem por não haver bons pilotos e por não serem práticos em viagens pelos rios do sertão.

Em 1721, com muitos sacrifícios chegou grande leva de povoadores. Entre eles o Capitão-Mor Jacinto Barbosa Lopes, seu irmão, o franciscano frei Pacífico dos Anjos, o carmelita frei Florêncio dos Anjos, os padres Jerônimo Botelho e André dos Santos Queirós, ambos do hábito de São Pedro. Veio também o Capitão José Pires de Almeida, do qual conta o cronista que “morrendo-lhe a escravatura e perdendo tudo o mais que trazia chegou a dar um mullatinho que tinha em conta de filho por hum peixe pacú por conservar a vida”.

“*Chegados ao Arrayal que hé hoje a capela de Sam Gonçalo* mudaram-se todos para o coxipo asima Lugar chamado hoje a *forquilha* adonde formaraó Arrayal e levantaraó Igreja com o titulo de Nossa Senhora da Penha de França”. Celebraram ofícios divinos, sendo o primeiro que fez as vezes de capelão, “por eleição commua”, o padre Jerônimo Botelho.

“Repartistaóse as terras minerais intraraóse a lavar que thé ahy não haviaó (sic) ferramentas para ese efeito”.

Em 1722 chegou ao arraial o padre Justo do hábito de São Pedro, nomeado vigário curado e da vara pelo bispado do Rio de Janeiro.

Nesse ano de 1722, com a descoberta das *Lavras so Sutil* o arraial mudou-se para o seu assentamento definitivo.

Em outubro, o sorocabano Miguel Sutil viajou para uma roça que tinha iniciado na “borda do Cuyabá Lugar que despois foy citio de Manoel dos Santos Ferreira”. Chegando ao local plantou o seu roçado e enviou dois índios carijós à procura de mel. Partiram com machados e cabaços, mas só voltaram ao rancho noite alta, sem trazer mel. Repreendidos asperamente pelo Sutil por terem gastado o dia todo sem trazerem o que lhes havia ordenado, respondeu o mais ladino – “Vós viestes a buscar ouro ou mel?” E ante o espanto do Sutil, “meteo a maó no seyo de um jaleco de baeta que tinha vestido e singido com uma sinta tirou hum imbrulho de folhas entregou ao amo que abrindo-o achou vinte e tres graveses (aliás granetes) de ouro que pesaraó cento e vinte oitavas dizendo o carijo: que achara muito daquillo”.

Ao outro dia, “apenas rayava a lus do dia”, Miguel Sutil e um camarada europeu chamado João Francisco, por alcunha o Barbado, saíram afotidamente guiados pelos dois carijós e “chegaraó ao lugar adonde se acha esta villa do

Cuyabá que era coberto de mato serrado com grandiosos arvoredos e no Lugar chamado hoje tanque de Arnesto e tornado com a capela de Nossa Senhora do Rozario que era campestre mostrou o Indio o seo invento adonde Logo foraó vendo ouro Sobre a terra e apanhando as maós recolhendose a tarde aos seus ranxos o Sutil com meya aroba de ouro e o camarada Ioaó Francisco com seis centas e tantas oitavas era tudo ouro cravado em Seixos”.

No dia seguinte voltaram o Sutil e o Barbado ao arraial do Coxipó, isto é, da Forquilha, e “fizeraó publico o descoberto ao que se seguio despejarem todos e mudarem-se para este citio a que chamaraó *Lavras do Sutil* adonde foraó formando Arrayal e desfrutando a Lavra que foi a manxa de ouro mais copioza que se tem achado em todo o Brasil isso hé do alto adonde está o tanque pela quebrada abaixo thé o Corego que seraó quatrocentas braças pouco mais ou menos e cousa de cento e sincoenta braças para cada Lado”.

Avaliou-se tirarem nessa lavra, em um mês, “melhor de quatrocentas arobas de ouro sem que os socavaóes profundassem mais de tres thé quatro palmos”.

“Neste mesmo anno Levantou o Capitão-mor Iacinto Barboza Lopes Igreja a sua custa coberta de palha que logo servio de freguezia no mesmo lugar em que se acha a que de presente existe dando-lhe o titulo de Igreja do Senhor Bom Iezus do Cuyabá”. Quem primeiro disse missa foi frei Pacífico dos Anjos, irmão de Jacinto Barbosa.

A FUNDAÇÃO DE CUIABÁ SEGUNDO O CRONISTA FILIPE JOSÉ NOGUEIRA COELHO

Filipe José Nogueira Coelho é o outro cronista a quem devemos notícias sobre os primeiros tempos de Cuiabá. Ele foi Provedor da Fazenda Real e Intendência do Ouro. Chegou a Mato Grosso muito depois de Barbosa de Sá. Tomou posse do cargo em Vila Bela em 17 de fevereiro de 1776 e, segundo Rubens de Mendonça, foi um dos bons auxiliares do Governador Luís de Albuquerque.

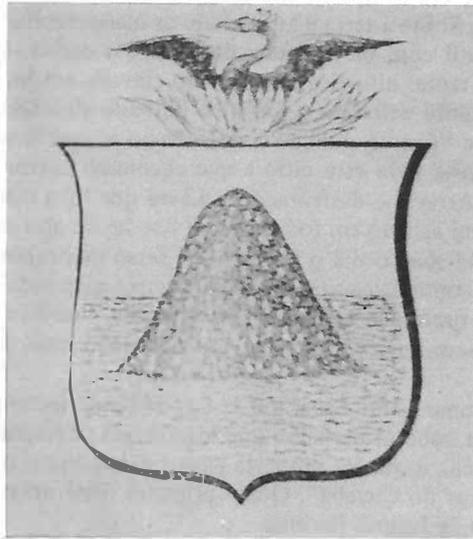
Nogueira Coelho começa as suas *Memórias Chronológicas da Capitania de Matto-Grosso* com uma epígrafe dos Estatutos da Universidade de Coimbra — “É a História mestra da vida e luz da verdade” (6).

No proêmio ele diz que os *Annaes* de Barbosa de Sá “me forneceram de algumas noticias”, “mas na verdade muitas mais me emanaram de um exato e escrupuloso exame que fiz nos archivos da provedoria e intendencia e ouvi-doria”.

Nas suas *Memórias Chronológicas* ele trata “bem que brevemente”, das fundações de Cuiabá e Vila Bela.

Eis, portanto, como ele descreve a origem de Cuiabá (7).

Em 1718 Antônio Pires de Campos sobe o rio Cuiabá e cativa os coxi-ponés que se encontravam na aldeia “em que depois se fundou a capella de S. Gonçalo e arraial”. Desce depois com sua tropa o Cuiabá e comunica a notícia a outros sertanistas que percorriam a região do rio Paraguai.



Brasão de armas de Cuiabá, segundo o Dr. João Severiano da Fonseca (Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 51, Suplemento, 1888, pág. 112).

Em 1719 sobe pelo Cuiabá Pascoal Moreira Cabral, “sertanista também pela patria e pelo destino”. Não achando porém o gentio na aldeia citada, subiu o Coxipó-mirim, afluente do Cuiabá “e tomou assento com os companheiros em uma margem d’elle”.

“Aqui observaram que nos barrancos do rio se viam alguns granitos de ouro cravados em pedraria, e que alguns indios que acharam traziam várias peças do mesmo ouro”.

“Acordaram logo de formar arraial, *escolhendo aquelle mesmo sitio em que no anno antecedente estavam os indios aldeados*”.

Portanto, formaram arraial no local depois denominado São Gonçalo Velho.

Prossegue Nogueira Coelho informando que mandaram emissário a São Paulo, para dar parte do descoberto ao governador, e

“formando o arraial, fizeram em 8 de Abril do mesmo anno um como regimento para seu governo, elegendo para guarda-mór ao dito Pascoal Moreira”.

“Assim viviam estes novos colonos entre feras e sertões, quais os primeiros povoadores do mundo, até que no anno de 1721 os guiou o seu genio vagabundo ao lugar que hoje se chama da *Forquilha*, subindo outra vez pelo Coxipó-mirim”.

Nesse novo assentamento “erigiram uma capella à Nossa Senhora da Penha de França, com o conhecimento de que *In primis venerare Deos, atque...*”

Narra a seguir a descoberta das *Lavras do Sutil*, devida aos carijós do sorocabano.

O local da descoberta era “aquelle mesmo em que depois se fundou a villa do Cuyabá, e que então estava entre muitos arvoredos”.

“Corria já então o anno de 1722”.

Se bem que Miguel Sutil quisesse ocultar a descoberta, afirma Nogueira Coelho que os habitantes da Penha de França vieram a saber, e ficaram tão alvoroçados “que no mesmo lugar em que se achou o ouro vieram fundar no anno seguinte de 1723 um novo arraial com o nome de Arraial do Senhor Bom Jesus do Cuyabá (que depois se erigiu em villa), e a igreja matriz com o orago do Senhor Bom Jesus”.

O GOVERNO REPUBLICANO 1723-1724

No período de 1723 a 1724 Cuiabá teve um governo republicano. Republicano no sentido etimológico da palavra – do latim *re publica*, coisa pública, negócios públicos.

Republicanos eram chamados na época os que ocupavam cargos no governo municipal – vereadores etc.

Cuiabá teve um governo republicano antes de ser elevada a vila, como informam os cronistas.

Em 1723, diz Barbosa de Sá, com as *canoas de povoado* (isto é, de São Paulo), chegou carta do novo Governador Rodrigo Cesar de Meneses ao guarda-mor Pascoal Moreira Cabral “com hum regimento para arrecadação dos quintos do ouro, dos dizimos dos frutos e dos direitos que se aviaó de cobrar das fazendas e escravatura que viesem de povoado com outras instruçoens mais para o Governo polittico”

“E que elegese doze quallaterais com titulo de deputados a que assistem dous em cada bairro com hum escrivaó e hum meirinho e todos juntos formassem com o goarda mor hum como Senado para determinarem nos ocurentes cazos o que fose para o bem commum guiandose pelas ditas instruçoens cujo aranzel por desnecessario e por Luxo o naó copiei nesta minha historia”.

Até esse tempo não tinha havido em Cuiabá mais justiça “que o goarda mor Pascoal Moreira Cabral que a ademenistrava na forma do assignado que lhe fizeraó os companheiros”. “Repartia as Lavras accomodava as contenddas que por ellas se moviaó fazia pagar dividas julgava as contenddas de cazos ocurentes tudo verbalmente sem forma de proseso com tanta prudencia acordo e agrado das partes que todos lhe ficavaó obrigados tanto vensedores como vendidos”.

Entretanto, diz o cronista, “com os deputados que Logo se elegeraó e com as novas instruçoens, ouveraó (sic) Logo muitas novidades de condem-

naçoens vexasoens e queixas no povo porque todos queriaó governar todos queriaó ser justiças todos queriaó ser Reys todos queriaó ser rocas o que thé aquelle tempo naó houve.”

Joaquim Pinto comprou um jaú no Porto Geral por uma quarta de ouro, dividiu-o em postas e foi vendê-las pelas lavras, com o que apurou meia libra de ouro. Sabendo disso os deputados confiscaram-lhe os bens, por não ter pago os direitos reais do negócio que fizera.

Outro habitante comprou uma abóbora por quatro oitavas de ouro, fez papas cozendo-a num tacho, e vendeu em pratos aos escravos, apurando quinze oitavas de ouro. Sabendo disso os deputados, também o condenaram por não ter pago os direitos.

No fim do ano de 1724 chegou na monção João Antunes Maciel “por regente e adeministrador da Justiça e Fernando Dias Falcão por superintendente das terras minerais”.

Entraram a exercer seus cargos, Falcão e Maciel “a fazer justiça com força principiairá os processos corrairá demandas e viraóse execuçoens com que satisfaziaó os homens suas paixoens e tantos tempos faltos deste recurso”.

“Fabricouse logo huma cadeya de parede de pao a pique coberta de palha viraóse logo muitos presos bens arematados em praça e outros mais efeitos das novas justiças”.

Felippe José Nogueira Coelho também dá notícia desse governo local.

Em resposta à parte que se havia dado o governador Rodrigo César determinou algumas providências sobre a capitação e entradas.

“Ordenou também a forma do governo politico, que consistia em que elle guarda-mor, elegendo doze deputados, formasse um como senado para o regimento ordinário. Seria elle na verdade uma bem imperfeita imagem da aristocracia”.

Entretanto, “breve duração teve esse governo republicano, porque no anno de 1724 chegou o tenente-coronel José Antunes Maciel provido em superintendente geral das minas, e Fernando Dias Falcão em capitão-mor regente”.

Em 30 de março desse ano se fez junta de deputados para regular o pagamento da capitação e das entradas, e ficou estabelecido o seguinte:

cada escravo negro ou índio pagaria por batéia	3 oitavas
cada venda ou loja	11 oitavas
oficial de qualquer ofício	11 oitavas
tratantes que não tivessem loja assentada	6 oitavas
cada carga de seco ou molhado	2 oitavas
da entrada de cada negro a primeira vez	2 oitavas

Em setembro se reformaram e aumentaram as entradas, passando a pagar cada escravo 4 oitavas, a carga de seco 8 oitavas e a de molhado 5 oitavas.

O ARRAIAL DE CUIABÁ EM 1725

Entre as 1.792 cartas comerciais inéditas do século XVIII publicadas recentemente pelo pesquisador Luís Lisanti na obra em quatro volumes, *Negó-*

cios Coloniais, uma há que constitui um interessante depoimento sobre a vida no arraial de Cuiabá em meados de 1725.

Não se trata de um documento governamental, nem de documento expedido pelos legendários bandeirantes, nem mesmo da relação de um cronista. É pura e simplesmente o depoimento de um comerciante, “esse obscuro participante e artífice da unidade nacional” (8).

Daí sua importância. Ela confirma, de maneira insofismável, as “grandezas do Cuiabá”.

Foi escrita em Cuiabá a 30 de junho de 1725 por Joseh Amorim Silveira e dirigida a Domingos Pereira Chaves, do Rio de Janeiro:

“Já a VM. escrevi a monssão passada, emque lhe deva conta q. foi Deos servido recolher me a estes promontorios de ouro sem haver palmo de terra que o não tenha ouro”.

A dificuldade que havia era de ser o local falto de águas, “principalmente este ano que choveo bem pouco”, e “a não ser assim em breves anos forão todos ricos”, pois mesmo com essa deficiência, “dão os negros 2 8s cada dia de jornal, e com tempo seco oitava e meia”.

E acrescenta esta informação impressionante:

Tem se achado grandes folhetas de 100 e de 200 8.s tão grandes, que pa os negros as repartirem entre si as partirão a machado, como qm. as teve na mão.

Dizendo que pelos preços que atingiram as coisas “se deixa ver a grandeza do muito ouro”, ele dá uma relação de preços dos artigos de maior consumo no arraial.

Comestíveis:

milho	5 8s.
feijão	12 8s.
aguardente (barril)	150 e 160 8s.
farinha	16 8s.
sal (a carga)	180 e 190 8s.
azeite (o barril)	180 8s.
fumo (o rolo de 2 arrobas)	100 8s.
cacheta de marmelada	4 8s.
vinho (a medida)	16 8s.
assúcar (a l ^q)	8 8s.
1 negro min ^{ro} .	500 a 600 8s. (a vista)

Apesar de dizer que “no que toca a fazendas secas não há nada, e andamos nus”, ele fornece uma lista.

1 camiza	20 8s.
1 siroula (sic)	6 8s.
1 covado de baeta	10 8s.
1 vara de algodão	5 8s.
1 vara de pano de 1 — (sic)	8 8s.
1 chapeo grosso	12 8s.
1 dito finno	32 8s.
1 calção e vestia de panno	40 8s.
1 surtum de baeta	10 8s.
1 jalecu	5 8s.
uns sapatos	10 8s.

Como se vê pela lista, o que havia de mais caro eram os escravos mineiros, e Silveira informa a seu correspondente que “se la tiver negros bem podem vir q. fara hum alto negocio”.

Informa também que se estava esperando a vinda do Governador (Rodrigo César) e que “se lhe estão fazendo huas casas q. se da 2\$8s. de se fazer hua igreja do Bom Jezus 1.500 8s.”

Termina dizendo que por aqueles dias tinham saído várias bandeiras, pois alguns índios que entraram de paz dispunham-se a indicar aos brancos “aonde havia ouro en cantidade” (9).

CUIABÁ ÀS VÉSPERAS DA ELEVAÇÃO A VILA (1726)

A Gervásio Leite Rebelo, Secretário do Governador Rodrigo César, que chegou em sua companhia a Cuiabá em 15 de novembro de 1726, devemos uma interessante descrição do arraial às vésperas da sua elevação a vila (10).

“Está este arraial, do Senhor Bom Jesus, que assim se chama a Povoação principal destas Minas, está distante meia légua, pouco menos de Porto Geral do Rio Cuiabá: tem também outro porto, chamado do Borrvalho, que serve para os que vêm de rio acima, situado em boa paragem, e já bem povoado de casas: terá todo o arraial cento e quarenta e oito fogos, alguns cobertos de telhas, os mais de palha e capim. Corre toda a povoação do Sul para o Norte com planície que faz queda para um riacho que seca no verão: a Leste fica um morro vizinho e a Oeste uma chapada, em que se tem feito parte das casas do Arraial; e se podem fazer muitas mais”. Ele menciona também a matriz e o “Palácio” construído para o governador.

“Junto deste arraial e a sudoeste dele está um morro, em que a devoção de alguns devotos colocou a milagrosa imagem de N. S^ã do Bom Sucesso, digo do Bom Despacho: daqui se descobre todo o arraial, e faz uma alegre vista pelo aprazível dos arvoredos, morros e casas que deles se descobrem”.

Diz que em todo o arraial havia ouro “e foi o descobrimento do sosil [Sutil], que se fez no ano de 1723 (sic), mas não se minera nele senão em tempo de chuvas por haver falta de água, com que se possa lavar”.

Acrescenta haver dois ou três anos que não chovia, “e por este respeito se não minerou quase todo esse tempo”.

O clima era “ardentíssimo”, sem comparação com o do Rio de Janeiro, nem com o da Bahia, e nem mesmo com o do Maranhão e Grão Pará, pois em sete anos que ele Gervásio Leite Ribeiro estivera nessas partes e em Pernambuco, não experimentara os excessivos calores que tinha sofrido em Cuiabá.

Segundo o informaram, o calor só diminuía com as chuvas.

Os homens viriam geralmente em suas casas “em ceroulas e camisas, sem poderem consentir mais roupa alguma.”

As sezões e malignas eram contínuas, e raros eram os que não padeciam delas, principalmente brancos, “porque os escravos são os mais livrados neste país.”

Com a falta de chuvas houve também falta de milho, “que é o sustento de brancos e negros”, e “único remédio e regalo destas Minas”, porque dele se fazia

- a farinha que supria o pão
- a cãngica (sic) fina para os brancos
- a grossa para os negros
- os cuscus
- arroz (sic)
- bolos
- biscoitos
- pastéis de carne e peixe
- pipocas
- catimpuera
- aloja
- angu
- farinha de cachorro
- aguardente
- vinagre

“e outras muito mais equipações que tem inventado a necessidade e necessitam de momento”.

Não podia faltar, em terra inflacionada pela pletora de ouro, a lista de preços

alqueire de feijão	20 oitavas
alqueire de farinha de mantimento	20 oitavas
galinhas	3 oitavas
libra de carne de porco fresca	1 oitava
libra de carne de porco salgada	2 oitavas
dúzia de ovos	1 e 1/2 oitavas (11).

ELEVAÇÃO DE CUIABÁ À CATEGORIA DE VILA

Uma passagem da *Relação* de Barbosa de Sá suscita dúvida quanto à data exata da elevação à categoria de Vila:

“Em quinze de Novembro deste anno [1726] chegou ao porto geral desta villa o General Rodrigo Cezar como consta do registo de huma Rea [1] provisam registada no libro segundo dos regiztos do Senado da Camara a folhas vinte e tres trouce consigo huma grande frota de canoas e bastante gente fize-raó se lhe festas como o tempo e o Lugar o permitio eregio logo ezta po-voação em villa com o titulo de Vila Real do Senhor Bom Iesus do Cuyabá”.

Logo a seguir ele registra a solenidade de elevação no primeiro dia do ano seguinte:

“Anno de mil e setecentos e vinte e sete no primeiro de Ianeiro deste anno mandou o General Levantar pilourinho com grandes aplausos do povo que em repetidas vezes bradavaó: villa (aliás, viva) a villa Real do Senhor Bom Iezus do Cuyabá, tomou cazas para Senado da Camara citas na rua chamada do sebo defronte do oratorio nomiou por Ouvidor o Doutor Antonio Alvares Lanha [s] Peixoto Ouvidor que era na villa de Parnagoá mandado por sua Magistade para o acompanhar e instruir no que fosse necessario para adeministração da justiça mandou-o erigisse Senado da Camara na forma da Ley”.

“Entrou o dito Ouvidor a eleições fes os pellouros que logo se abriu o primeiro e virá se logo juizes ordinarios vereadores Almotaseis e mais officiais de justiça como tudo consta do Livrro primeiro das vereanças in principio e do livro primeiro dos registos de folhas vinte e huã em diante”.

Entretanto, como já referidos, parece que Barbosa de Sá não esteve presente às cerimônias de elevação a Vila, e outros relatos parecem não deixar dúvidas quanto à data.

Diz a *Breve Notícia* do sertanista Antônio Pires de Campos — “O general Rodrigo Cesar de Meneses (. . .) escrevendo aos paulistas e mais pessoas que nele (no rio Cuiabá) se achavam, e animando a outras que que passassem aquele sertão que com efeito conseguiu o seu estabelecimento, e passando a ele por ordem que teve de S.M. em 7 de Julho de 1726, chegou às ditas minas em 15 de Novembro do dito ano, e no 1. de Janeiro do ano seguinte criou vila a que se chamou vila Real do Sr. Bom Jesus” (12).

A notícia das *Memorias Chronologicas* de Nogueira Coelho é a seguinte:

“No 1º de Janeiro de 1727 se celebrou o acto da criação da villa com o nome — Villa Real do Bom Jesus do Cuyabá —, em pouca distancia do rio Cuyabá, que lhe dá o nome mais breve e o mais vulgar, e em cuja margem teria assento mais regular e mais alegre — *si mens non levis fuisset*. Aos fundadores do arraial lhes pareceu que só seguravam a posse dos morros, que julgavam cheios de ouro, com a sua diaria assistencia; sendo que o *pedum positio* de que os juristas derivam a posse, não pede tão rigorosa intelligencia para a conservação”.

Com referência ao Brasão da cidade, Nogueira Coelho registrou:

“Tomou por armas um morro com uma arvore cheia de folhetas de ouro, e por timbre um phenix. Como os cuyabanos, inconciliaveis Sabinos de Villa-Bella, ainda suspiram pela residencia do governo que faça capital a sua villa, talvez significaram no phenix que lhe renasça aquela felicidade, que só possuiram por alguns mezes no anno de 1751 quando a julgavam perpétua: Mais confiança devem pôr nos tempos, pois enchendo-se de povoações a capitania poderá o rio Paraguay ser o marco da divisão”.

Entretanto não poderíamos dispor de melhor depoimento sobre esse importante fato da história da cidade do que o relato do Secretário do Governador Rodrigo César que descreve a viagem desde a saída de São Paulo em 7/7/1726, até à chegada a Cuiabá em 15 de novembro e acontecimentos posteriores, e termina com o fecho — “Escreve-a na Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá a 1º de fevereiro de 1727, Gervásio Leite Rebelo, Secretário de S. Exa.” (13).

A monção do Governador, depois de mais de 4 meses de viagem, chegou finalmente ao arraial.

A 14 de novembro fez pouso próximo à roça de Pascoal Moreira Cabral, guarda-mor das Minas. Ali vieram alguns paulistas cumprimentá-lo.

No dia 15, às 9 horas, chegou o Governador ao Porto Principal “onde estavam muitas pessoas assim Paulistas como forasteiros e uma companhia de Ordenança formada”. Depois de fazer oração em uma capelinha existente no

porto, pôs-se o Governador a cavalo, e outras pessoas em redes, e foram para o arraial, onde chegaram às dez horas.

“No princípio da Povoação, e defronte da igreja matriz estavam quatro pessoas das principais e um nobre e luzido séquito, e recebendo a S. Exa. de baixo de um pátio o conduziram à Matriz, e depois ao seu palácio, onde veio logo a arrumar a Companhia dos Forasteiros, que tinha ido ao Porto, e se mandou recolher ficando só uma esquadra de guarda”.

A cerimônia da elevação a vila é assim descrita:

“No primeiro dia de janeiro de 1727, se criou o mesmo Arraial do Senhor Bom Jesus Vila, e se elegeram os Oficiais da Câmara, fazendo-se juizes, três vereadores, um procurador e dois almotacéis, levando o estandarte a praça se levantou nela o pelourinho da Vª a que em nome de Sua Majestade se deu o nome de Vila Real do Bom Jesus, e se declarou seriam as suas armas, de que usasse um escudo, e dentro em campo verde um morro coberto de folhetas e grãos de ouro, e por timbre em cima uma Fênix: fazendo-se termo de tudo na secretaria deste Governo por ordem do Examo. Sr. Rodrigo César de Meneses, Governador e Cap.-General desta Capitania, e suas Minas em virtude das Ordens que teve de Sua Majestade para passar a elas e criar Vª ao dº arraial a que deu cumprimento na forma já declarada”.

O TEMPO DA CRIAÇÃO DA VILA

O termo ou auto de criação da vila foi lavrado “para constar a todo o tempo” pelo Secretário do Governo, Gervásio Leite Rebelo.

Esse importante documento da história da cidade foi publicado em 1864 por J.M.P. de Alencastre nos *Anais da Província de Goiás* por não o ter “encontrado nas memórias que havemos lido da capitania de Mato Grosso”, e continua até hoje pouco divulgado.

Seu texto traz informações definitivas sobre a elevação a vila, inclusive sobre as primeiras autoridades municipais e o brasão de armas. Motivo pelo qual o transcrevemos na íntegra, da obra referida, publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 27, parte Segunda, 1864, págs. 43/4:

“Ao primeiro dia do mez de Janeiro de 1727, n’esta Villa Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, sendo mandado por S.M., que Deus guarde, a creal-a de novo, o Exm. Sr. Rodrigo Cesar de Menezes, governador e capitão-general d’esta capitania, e que o acompanhassem para o necessario, o Dr. Antonio Alves Lanhaz Peixoto, ouvidor geral da comarca de Parnaguá, sendo por elle eleitas as justiças, jufzes ordinarios, Rodrigo Bicudo Chacim, o thesoureiro coronel João de Queiroz Magalhães, e vereadores Marcos Soares de Faria, Francisco Xavier de Mattos, João de Oliveira Garcia, e procurador do conselho Paulo de Anhayá Lemes, servindo de escrivão de camara Luiz Teixeira de Almeida, almotacé o brigadeiro Antonio de Almeida Lara, e o capitão-mór Antonio José de Mello, levando o estandarte da villa Mathias Soares de Faria, foi mandado pelo dito Sr. governador capitão-general que com o dito Dr. ouvidor, todos juntos com a nobreza e povo, fossem á praça levantar o pelourinho d’esta villa, o que em nome de el-rei deu o nome de Villa Real do Bom Jesus, e declarou que sejam as armas, de que usasse, um escudo dentro com o campo verde e um morro ou monte no meio todo salpicado com folhetas e grânitos de ouro, e por timbre em cima do escudo uma phenix; e nomeou para levantar o pe-

lourinho ao capitão-mór regente Fernando Dias Falcão, e todos os sobreditos com o dito Dr. ouvidor, nobreza e povo foram á praça d'esta villa, aonde o dito Fernando Dias Falcão levantou o pelourinho, do que para constar a todo o tempo fiz este termo, que assignou o dito Sr. general com os sobreditos. E eu Gervazio Leite Rabello, secretario d'este governo, que o escrevi, dia era *ut supra*, etc. Rodrigo Cesar de Menezes. — Antonio Alves Lanhaz Peixoto. — Rodrigo Bicudo Chacim. — Marcos Soares de Faria. — Francisco Xavier de Mattos. — João de Queiroz Magalhães. — João de Oliveira Garcia. — Luiz Ferreira de Almeida. — Antonio José de Mello. — Paulo de Anhayá Lemes. — Antonio de Almeida Lara. — Mathias Soares de Faria. — Fernando Dias Falcão. — Manoel Dias de Barros — Manoel Vicente Neves. — Salvador Martins Bonella." (14)



Monumento comemorativo ao 250. aniversário da fundação de Cuiabá (escultor D. Martins de Oliveira).

CUIABÁ – 1727-1730

Nogueira Coelho informa que havia em Cuiabá, no ano de Sua elevação a vila, duas casas de “truque de taco”, onze fornos e dois mil seiscentos e sete escravos. Cada cabeça de gado e cada cavalgadura em pelo pagava no registro, três oitavas. Na capitação pagavam, as casas de truque de taco cento e vinte e oito oitavas cada uma, cada forno, vinte e oito oitavas, e o mesmo cada oficial. As lojas e vendas pagavam cinquenta oitavas, e sendo de seco e molhado, sessenta e quatro oitavas.

Nesse ano o total de contribuições rendeu à Fazenda Real a soma de 35.210 oitavas, correspondendo ao registro 16.176 (15).

Sobre os três primeiros anos da Vila de Cuiabá temos o depoimento do Capitão João Cabral Camelo, um dos poucos brancos que escaparam ao massacre da monção do Ouvidor Lanhas Peixoto pelos paiaguás em 6 de junho de 1730 (16).

Ele chegou a Cuiabá no fim do ano de sua elevação a vila – 21 de novembro de 1727, e permaneceu até 15 de maio de 1730, quando embarcou de volta para S. Paulo naquela trágica monção.

No seu manuscrito *Notícias Práticas das Minas do Cuiabá* ele descreve a viagem de ida e sua estada na vila sertaneja.

“A vila está situada da mesma parte direita e lançada por um córrego acima entre morros: tem só oito ou nove casas de telha, entre as quais é a melhor a que foi do General Rodrigues [sic] César: as mais são ainda de capim, mas com o serem assim se não vendiam quando cheguei, por mais pequenas que fossem, por menos de 400 ou 500 oitavas cada uma, e as que tinham mais alguns cômodos chegavam a 700; porém daí a dois anos as vi vender a quarenta e cinquenta oitavas, quando as não desapareceram os donos que vinham para o povoado [i.e., para S. Paulo]: o mesmo sucedeu às roças, que pedindo por algumas, quando fui, a três e quatro mil oitavas, as venderam ao depois por cinquenta e cem, e muitas as abandonaram os donos retirando-se para S. Paulo.”

O Porto Geral do Cuiabá ficava a meia légoa da barra do Coxipó. “Nele assistem vários brancos comprando milho e feijão aos roceiros para o mandarem a vender; outros o vendem por comissão, com todo o mais mantimento; e alguns se ocupam só na pesca que lhe não rende menos”.

Toda a extensão de 6 ou 7 dias de viagem rio-abaixo e quatro ou cinco rio-acima, as margens do Cuiabá estavam cercadas de roçados e fazendas. O milho e o feijão eram plantados em março e setembro. Havia excelentes mandiocas “de que se faz farinha”, e “muitas e melhores bananas” que as de Minas Gerais, “mais suaves e de melhor gosto”. Havia muitas melancias, e quase todo o ano, mas os melões não se produziam em tanta abundância.

“As batatas são singulares e não menos o são fumos para tabaco e pito.”

Quando Cabral Camelo chegou a Cuiabá, não havia senão um único engenho “dez ou doze léguas distante da vila, no sítio onde chamam a Chapada”.

“Hoje, porém, tem já cinco, e todos na margem do rio, onde mostrou a experiência produzir melhor a cana, e em muito menos tempo que em todas

as mais partes ainda destas Minas”, e acrescenta “Nem me parece que haja para elas melhores terras que as de Cuiabá”.

Com referência à criação, também parecia a Cabral Camelo que não havia terras melhores que as de Cuiabá. Não só para bois como para porcos, galinhas e cabras, “e também o seriam para cavalos se houvessem (sic) éguas nelas”.



Pascoal Moreira Cabral – escultura de Amadeu Zani (Museu Paulista, São Paulo)

“No ano de 1727 foram na minha tropa quatro ou seis novilhas pequenas, e já no ano de 1730 ficaram algumas paridas, e se produzirem como os porcos e cabras, em breve tempo se cobrirão de gado os campos”.

Fora da vila só havia três arraiais:

- O do *Ribeirão*, a pouco mais de uma légua de Cuiabá;
- O da *Conceição*, adiante mais uma légua para o sertão, “com uma Capela da Senhora e seu Capelão”;
- O do *Jacey*, adiante duas léguas.

Nas vizinhanças dos arraiais “se tem achado muitas e boas manchas de ouro, como também nas da villa; mas duram pouco tempo”.

Nas vizinhanças do Quexipó (Coxipó), distante do Jacey três ou quatro léguas, “assistem ainda hoje alguns mineiros com lavras, e lhe chamam as *Forfillas*” (sic).

Coxipó da Ponte, abril de 1979, a 260 anos da fundação do primeiro arraial, e a 252 anos da elevação de Cuiabá a Vila.

Carlos Francisco Moura

NOTAS

- 1 – José de Mesquita, *Joseph Barbosa de Sá*, Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso, tomos LIII/LVI, 1945/1946.
- 2 – Como lembra Virgílio Correa Filho, *História de Mato Grosso*, pág. 195.
- 3 – Baseamo-nos na publicação da *Relação das Povoações do Cuyabá e Mato Grosso de seus principios até os presentes tempos*, feita pela Universidade Federal de Mato Grosso e Secretaria de Educação e Cultura, 1975.
- 4 – Barbosa de Sá diz que o escolhido foi Gabriel Antunes, mas segundo o *aranzel* que ele mesmo transcreve, o enviado foi Antônio Antunes.
- 5 ... É a seguinte a íntegra do *aranzel* e do termo de eleição de Pascoal Moreira Cabral no cargo de guarda-mor regente, transcritos por Barbosa de Sá (op. cit., págs 11/12):

Aos oito dias do mez de Abril da era de mil setecentos e dezanove annos neste Arrayal do Cuyabá fez junta o Capitaó mor Pascoal Moreira Cabral com os seus companheiros e elle requireo a elles este termo de certidão para noticia do descobrimento novo que achamos no ribeiraó do coxipó invocação. de Nossa Senhora da Penha de França depois de foy o nosso inviado o Capitaó. Antonio Antunes com as amostras que levou de ouro ao Senhor General com a petição do dito capitaó. Mor fez a primeira entrada adonde assistiu hum dia e achou pinta de vin-tem e de dous e de quatro vintens ameya pataca e a mesma pinta fes na segunda entrada em que assistio sete dias elle e todos os seus companheiros as suas custas com grandes percas e riscos em serviso de Sua Real Magistadi e como de feito tem perdido oito homens brancos, fora negros e para que a todo tempo vá isto a noticia de sua Real Magistade e seus governos para não perderem seus direitos e por assim ser verdade nos assignamos todos neste termo o qual eu pasey bem e fielmente a fé, de meu officio como escrivao deste Arrayal Pascoal Moreira Cabral, Simaó

Rodrigues Moreira, Manoel dos Santos Coimbra, Manoel Gracia Velho, Balthezar Ribeiro Navarro, Manoel Pedrozo Lousano Ioaó de Anhaya de Lemos, Francisco de Sequeira, Asenço Fernandes, Diogo Domingues, Manoel Ferreira, Antonio Ribeiro, Alberto Velho, Moreira, Ioaó Moreira, Manoel Ferreira de Mendonça, Antonio Gracia velho, Pedro de Godois Ioaó Fernandes, Antonio Moreira, Ignacio Pedrozo, Rodrigues Moreira, Iozé Pais da Silva.

No mesmo dia mes e anno atras nomiado elegeo o povo em voz alta o capitaó mor Pascoal Moreira Cabral por seo guarda mor regente thé ordem do senhor General para poder guardar todos os ribeiros de ouro socavar e examinar e composiçoens aos mineiros e botar bandeiras tanto a minas como nos inimigos barbaros e visto elegerem ao dito Ihe catarao. o respeito que poderá tirar auto contra aquelles que forem regulos com hé (sic) amotinador e alevos que expulsará e perderá todos os seos direitos e mandará pagar dividas e que nenhum se recolherá thé que venha o noso enviado o Capitaó. Antonio Antunes de que todos levamos a bem hoje oito de. Abril de mil setecentos desanove annos eu Manoel dos Santos Coimbra escrivaó do Arrayal que escrevi, Pascoal Moreira Cabral.

- 6 – Nogueira Coelho cita – *Estatutos da Universidade de Coimbra, Liv. 1, cap. I, t/ft. 5 § 72*. O Prof. José Honório Rodrigues lembra que a epigrafe é baseada num dito de Cícero. O conceito está em *De Oratore*, livro II, cap. IX, 36 – *Historia testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra vitae, nuntia vetustatis* (Vicente Vega, *Diccionario de Frases Célebres y Citas Literarias*).
- 7 – Baseamo-nos nas *Memorias Chronologicas da Capitania de Matto-Grosso Principalmente da Provedoria da Fazenda Real e Intendencia do Ouro*, escriptas por Filippe José Nogueira Coelho Provedor da Fazenda Real e intendencia do ouro, publicadas no Tomo 13. da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1850.
- 8 – Prof. José Flávio Pécora, Apresentação do livro *Negócios Coloniais (Uma Correspondência Comercial do Século XVIII)*, de autoria de Luís Lisanti, publicação do Ministério da Fazenda, Vol. I, p. XV, S. Paulo, 1973. A carta referida está publicada no vol. IV, pág. 5/6.
- 9 – LISANTI, Luís, *Negócios Coloniais*, vol. IV, págs. 5/6.
- 10 – Gervásio Leite Rebelo, *Notícia 6ª Prática E relação verdadeira da derrota e viagem, que fez da cidade de São Paulo para as minas do Cuiabá o Exmo. Sr. Rodrigo César de Meneses governador e capitão-general da Capitania de São Paulo e suas minas descobertas no tempo do seu governo, e nele mesmo estabelecidas*. (da Coleção do Padre Diogo Juarez, S. J., Códice da Biblioteca de Évora). Publicação de Affonso de E. Taunay, in *História das Bandeiras Paulistas*, Tomo III, *Relatos Mongoeiros*, 2ª edição.
- 11 – Tudo era comprado, literalmente, a peso de ouro. A oitava era a oitava parte da onça, e equivalia aproximadamente a 3,586 gramas. A questão dos preços em Cuiabá e Vila Bela e Mato Grosso em geral na época da mineração será abordada por nós em estudo intitulado *A Peso de Ouro*.
- 12 – *Breve Notícia que dá o Capitaõ Antônio Pires de Campos*, publicada por Afonso de E. Taunay, in *Relatos Sertanistas*, (São Paulo), s/d., pág. 193.
- 13 – Gervásio Leite Rebelo, op. cit.
- 14 – Estêvão de Mendonça também publicou o termo nas *Datas Mato-grossenses* (1º vol., Niterói. 1919, pág. 10). Há entretanto algumas diferenças entre os dois textos. Enquanto no de J.M.P. de Alencastre o nome do “procurador do conselho” (sic) aparece como Paulo de Anhayá Lemes, no de Estêvão de Mendonça aparece como Paulo de Anhayá Lima; na parte final, correspondente às assinaturas, entretanto, em ambas as publicações aparece Paulo de Anhayá Lemes. No texto de Alencastre, Luiz Teixeira de Almeida aparece como “servindo de escrivão da camara”, e no de E. Mendonça como “servindo de secretario da camarca”. Em ambas as publicações, entretanto, na parte correspondente às assinaturas, ao invés de Luiz Teixeira de Almeida, vem escrito Luiz Ferreira de Almeida. Em Alencastre está escrito Mathias Soares de Faria, e em E. Mendonça, Mathias Gomes de Faria; em ambos, entretanto, na parte das assinaturas está Mathias Soares de Faria.

No texto de Estêvão de Mendonça aparecem dois nomes assinando o *termo* que não estão no de Alencastre — *João Pereira da Cruz* e *Luiz de Vasconcelos Pessoa*. Há ainda pequenas diferenças na redação, o que leva a crer que cada autor baseou sua transcrição em versões ou cópias diferentes do mesmo documento. O nome do Secretário do Governo, que no *termo* aparece como Gervazio Leite *Rabello*, em outros textos e autores aparece como *Rebello*.

- 15 — Fillipe José Nogueira Coelho, op. cit., pág. 144.
- 16 — João Antônio Cabral Camelo, *Notícias Práticas das Minas do Cuiabá*, publicação da Universidade Federal de Mato Grosso e Secretaria de Educação e Cultura, Cuiabá, 1975.

BIBLIOGRAFIA

- CAMELO, João Antônio Cabral. *Notícias Históricas das Minas do Cuiabá*, publicação da Universidade Federal de Mato Grosso e Secretaria de Educação e Cultura, Cuiabá, 1975.
- COELHO, Filipe José Nogueira. *Memórias Chronologicas da Capitania de Matto-Grosso Principalmente da Provedoria da Fazenda Real e Intendencia do Ouro*, Revista do Instituto Histórico e Geográfico/Brasileiro, Rio de Janeiro, 1850.
- CORREIA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*, INL, Rio de Janeiro, 1969
- LEITE, Luís-Philippe Pereira. *Forquilha, o Fundador e a Padroeira*, (Rio de Janeiro), s/d.
- LISANTI, Luís. *Negócios Coloniais (Uma Correspondência Comercial do Século XVIII)*, Publicação do Ministério da Fazenda, vol. I e IV, São Paulo, 1973.
- MENDONÇA, Rubens de. *Roteiro Histórico & Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá* (2ª edição), São Paulo, 1954.
- MESQUITA, José de. *Joséph Barbosa de Sá*, Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso, tomos LIII/LVI, 1954/6.
- SÁ, Joseph Barboza de. *Relação das Povoações do Cuyabá e Mato Grosso de Seus Principios até os Presentes Tempos*, publicação da Universidade Federal de Mato Grosso e da Secretaria de Educação e Cultura, Cuiabá, 1975.
- TAUNAY, Afonso de E. *História das Bandeiras Paulistas*, tomo III, 2ª edição, São Paulo, s/d.
- *Relatos Sertanistas*, (São Paulo), s/d.